

**CONTATO LINGÜÍSTICO E
BILINGÜISMO: ALGUMAS
REFLEXÕES PARA O ESTUDO
DO FENÔMENO
DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA**

AGUILERA, Vanderci de Andrade¹
BUSSE, Sanimar²

1 Doutora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina/UEL.

2 Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Professora do Colegiado de Letras Português/Espanhol/Inglês/Italiano da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE.

RESUMO: Os estudos sobre as línguas em contato têm suscitado interesse por parte de pesquisadores da área da linguagem, especialmente da sociolingüística, por constituírem material potencial para a descrição e a compreensão das várias instâncias que atuam nos processos de interação, quais sejam lingüísticas, sociais, históricas, psicológicas, entre outras. O motivo pelo qual estudiosos têm se dedicado às investigações de comunidades e falantes bilíngües está representado na possibilidade de compreender o uso da língua como elemento desencadeador de ambientes particulares de interação, governados pela necessidade de comunicação e pela constituição de identidades, em que se podem compreender as várias facetas do *modus operandi* das línguas. É como pensar que, em cada elocução, submergem elementos que constituem o sujeito falante e que remetem a um mundo particular, o qual se faz não apenas pela história de cada um, mas pela sua cultura e pela sua tradição. O estudo do contato lingüístico e dos fenômenos lingüísticos decorrentes desta realidade sociocultural move-se no interior das teorias da variação lingüística, entendidos como decorrentes de fatores inerentes à condição humana. Dentre as perspectivas e tendências, destaca-se o contexto particular de interação do falante diante de condições específicas em comunidades bi e monolíngües. Toma-se, assim, o fenômeno do contato lingüístico e seus resultados, dentre eles a alternância de código e os empréstimos lingüísticos, como processos mediados por uma realidade "multimodal", em que cada situação comunicativa se desdobra em feixes de complexidade que revelam pistas para descrição e análise do fenômeno da variação lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: variação lingüística; línguas em contato; bilingüismo.

ABSTRACT: The studies on languages in contact have raised the interest of researchers in the field of language, especially of sociolinguistics, since they constitute a potential material for the description and understanding of the several instances that act in the interaction processes, namely, the linguistic, social, historical and psychological processes, among others. The reason by which researchers have been devoted to investigations of bilingual communities and speakers lies in the possibility of understanding the use of language as a triggering element of particular environments of interaction, ruled by the need of communication and by the constitution of identities, which reveal the several facets of the language *modus operandi*. In other words, each speech allows us to notice elements that constitute the speaker and refer to a particular world, characterized not only by the history of each individual, but also by his/her culture and tradition. The study of linguistic contact and linguistic phenomena derived from this social and cultural reality crosses the theories of linguistic variation, in which these phenomena are seen as a result of factors inherent to the human condition. Among the prospects and trends there is the speaker's particular context of interaction in face of specific conditions in both bilingual and monolingual communities. In this perspective, the phenomenon of linguistic contact and its results – among them the code-switching and the linguistic loans – are taken as processes mediated by a "multimodal" reality, in which each communicative situation unfolds in bundles of complexity which give us clues for the description and analyses of the linguistic variation phenomenon.

KEY-WORDS: linguistic variation; languages in contact; bilingualism

I ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS LÍNGUAS EM CONTATO E A CONSTITUIÇÃO DOS CONTEXTOS DE INTERAÇÃO

As situações de comunicação que ocorrem nos diversos contextos sociais revelam cenários lingüísticos em que as línguas se encontram condicionadas por instâncias definidas não apenas com relação à função comunicativa, mas por fatores que acabam por coexistir e co-atuar para que a comunicação se realize, delimitando os espaços de realização de cada ato.

As reflexões e as discussões relacionadas às línguas em contato e ao bilingüismo têm acenado com certa freqüência para a descrição e análise das condições, dos fatores e das perspectivas sobre as quais falantes e comunidades bilíngües constituem seu *modus faciendi* diante das diferentes formas de interação estabelecidas entre os grupos. O perscrutamento da realidade e das suas vicissitudes comunicativas pode apontar pistas para explicar fenômenos particulares que, na língua, podem representar instâncias privativas das condições pelas quais a interação estabelece diálogos com “mundos outros”, próximos ou distantes no tempo e no espaço.

As descrições que identificam a manutenção, a transformação e/ou a mortandade das línguas ou dialetos em contato estão relacionadas à necessidade de um aprofundamento das investigações sobre as situações de contato, como possibilidade de compreensão da organização lingüística e pragmática de uso da língua, acenando para condições particulares de organização social das comunidades.

Não se trata apenas de línguas que se encontram em contato, mas de culturas que passam a coexistir. Essa convivência não poderia ocorrer de forma estável ou nivelada, pois são modos de pensar e organizar a realidade pelos quais são filtrados, também, os processos de interação. A língua pode ser considerada, nesse campo de complexas relações, o cenário de intermediações ou negociações, uma vez que se inscreve como elemento prioritário nas modalidades interacionais.

Weinreich (1970) aponta as questões relacionadas ao indivíduo e ao contexto de interação como relevantes para o estudo das línguas em contato e do bilingüismo. Segundo o autor, a extensão, a direção e a natureza da interferência de uma língua sobre outra podem ser explicadas ainda mais amplamente em termos do comportamento de fala de indivíduos bilíngües, o qual, por sua vez, é condicionado por relações sociais na comunidade em que vive.

Trata-se de observar a rede de relações em que ocorre o fenômeno comunicativo e aquela que se forma a partir da interação, para que se tenha, assim, uma orientação para a análise da fala em sua particularidade nos contextos de contato lingüístico. Nesse sentido, busca-se, aqui, levantar algumas considerações iniciais a respeito do fenômeno da variação lingüística tomando o bilingüismo como contexto da fala.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO BILINGÜISMO

Os conceitos de bilingüismo, diglossia e mudança de código atingem seu ponto alto nos estudos lingüísticos no Brasil em função das situações encontradas ao longo da convivência do português com as línguas minoritárias e minorias étnicas. Sobre as tentativas de descrição e análise do bilingüismo³, encontramos alguns pontos polêmicos e que têm levado a discussões e propostas de revisão.

Para as reflexões propostas, tomamos o posicionamento de Heye (2003) de que o bilingüismo corresponde ao domínio de duas línguas, com habilidades de gradação. Entendemos, assim, que o falante bilíngüe faz uso das línguas conforme a situação de comunicação, os interlocutores e os objetivos, podendo ser seletivo, coletivo ou simultâneo. Se tomarmos o contexto lingüístico brasileiro, é possível observar que o bilingüismo pode assumir determinadas condições que estão relacionadas à relação entre o português e as línguas

3 Para uma breve revisão dos estudos sobre bilingüismo, ver Moreno Fernández (1998).

consideradas minoritárias, com destaque para aqueles grupos étnicos que têm em sua trajetória momentos de resistência com relação à língua. A esse contexto macro, da história, da cultura, do social e do espaço geográfico, juntam-se ainda os elementos que podemos designar como do campo micro, que são a situação de comunicação, o domínio dos aspectos lingüísticos e as condições psicológicas.

Essa relação entre os elementos das instâncias macro e micro de comunicação é que leva à constituição do falante bilíngüe. Se observarmos atentamente, perceberemos que esses elementos emergem de contextos muito particulares, os quais acabam por atuar ativamente na condução das interações comunicativas em contextos bilíngües. Para Heye e Vandrensen (2006), conforme se vê na citação abaixo, o falante passa por diferentes estágios de gradação na sua condição bilíngüe.

A condição de bilíngüe se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos (estágios) em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas. Estes estágios são estabelecidos pelas funções de uso das línguas em contextos e situações diferentes (familiar, social, escolar, profissional, etc.). Desta forma, a condição particular de indivíduos bilíngües é vista como sendo dinâmica. (HEYE; VANDRESEN, 2006, p. 393).

É justamente esta dinamicidade gerada pelo bilingüismo que interessa aos estudos que se dedicam à investigação dos fenômenos da variação, pois em comunidades bilíngües, ou monolíngües com falantes bilíngües, o uso das duas línguas pode gerar diferenças de registro que passam a ser incorporadas à fala da comunidade. Esta infiltração é que imprime aos falares as diferentes tonalidades que compõem as línguas, podendo ser rastreados e analisados à luz do entrelaçamento entre as investigações da estrutura interna e externa das línguas.

Quanto ao conceito de bilingüismo, Heye (2003, p. 230) destaca as tendências relacionadas à competência e à função. Com relação à primeira, os conceitos são de natureza lingüística, pautados num espectro relativamente amplo de definições no que se refere ao grau de domínio em ambas as línguas, e a segunda, por sua natureza psicolingüística, está

pautada num espectro mais restrito de definições, do “como” e “com que” objetivo a língua é utilizada.

Heye destaca que os conceitos apontam para um bilingüismo internamente ligado ao biculturalismo, em que a utilização das línguas estaria relacionada à capacidade de se identificar com ambos os grupos lingüísticos em contato. A condição bilíngüe possibilita o trânsito entre duas culturas, levando-se em consideração graus ou instâncias de interação e atuação social e a constituição de uma identidade que pode envolver traços de ambas as culturas.

O reconhecimento da necessidade do estudo do bilingüismo numa perspectiva interdisciplinar tem por foco a compreensão da complexa relação psicológica, lingüística e social do fenômeno. Segundo Heye (2003, p. 230), quanto à competência do falante bilíngüe, não se trata de mera justaposição de duas competências monolíngües, pois o que está em jogo com relação ao uso das duas línguas é, na verdade, um recorte da macroinstância que governa os processos de interação na sociedade.

Conforme Moreno Fernández (1998), por se manifestar nas comunidades e nos indivíduos, o bilingüismo deve ser compreendido pela sua complexidade. Ao transitar pelas línguas, o falante bilíngüe passa a operar com as instruções de comunicação de cada uma delas, o que vai exigir um domínio sobre a língua, além de um planejamento das ações com relação à situação que se apresenta.

As tendências sobre as quais podem ser compreendidos os estudos sobre o bilingüismo (competência e função) acenam para o diálogo dos aspectos lingüísticos com a história, a cultura, e a psicologia social, entre outras áreas. A descrição do repertório verbal dos falantes bilíngües deve envolver, portanto, a etnografia e as instâncias discursivas, interacionais e semióticas.

A dimensão relativa do bilingüismo está relacionada à situação lingüística do bilíngüe, ao ambiente e às condições sob as quais o bilingüismo se desenvolve, pois a coexistência de duas línguas em diferentes espaços sociais deve ser

analisada segundo a condição particular dos indivíduos que se tornam bilíngües, o que envolve contexto, idade de aquisição da língua, variação de uso das línguas – função tópica – e manutenção ou abandono das línguas em decorrência de fatores sociais e comportamentais (HEYE, 2003).

A manifestação do bilingüismo com determinadas características pode ocorrer em razão das funções de uso das línguas e em contextos diferentes (familiar, social, escolar e profissional). Ou seja, diferentes “contornos (estágios) de bilingüismo”, cada qual remontando a diferentes momentos de vida dos indivíduos bilíngües.

Heye (2003, p. 233) aponta para a distinção entre bilingüismo e bilingualidade. Enquanto o primeiro corresponde à coexistência de “duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”, o segundo volta-se para “estágios distintos de bilingüismo, pelos quais os indivíduos, portadores de condição bilíngüe, passam na sua trajetória de vida”. Estes estágios são vistos como “processos situacionalmente fluidos e definem, de forma dinâmica, a bicompetência lingüística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida”.

Este ponto de vista reforça como responsáveis pela caracterização de situações de bilingüismo: a) a comunidade lingüística; b) os papéis e as funções sociais; c) o *status* relativo dos falantes e das línguas; e d) o tópico e o domínio lingüístico e social. Destacam-se, assim, os fatores que podem estar ligados à aquisição, ao domínio e à variedade de uso de cada língua numa determinada situação de interação. Podemos considerar que se estabelece uma reação entre esses fatores e que, nas diferentes fases ou em diferentes momentos da vida de um indivíduo bilíngüe, acabam contribuindo para determinar um estágio lingüístico, ou seja, um estágio de bilingualidade.

Assim, conforme destaca Heye e Vandresen (2006, p. 393), a competência comunicativa nas línguas em contato, desde o período de aquisição (ou aprendizagem), depende das

funções ou dos contextos em que cada língua é utilizada. O contexto de aquisição da língua não apresenta, pois, estabilidade no decorrer da vida dos indivíduos: ele muda em decorrência da variabilidade de uso funcional de cada uma das línguas e pode acarretar, em determinados períodos, uma situação de domínio lingüístico (uso específico quanto à temática, tópico e situações) de uma língua em relação a outra.

Altenhofen (2002) destaca, a partir de Mackey (1972) e Titone (1993), a necessidade de se tomar o bilingüismo como um conceito não absoluto, mas relativo, onde não importa tanto saber se determinado indivíduo é bilíngüe ou não, mas, sim, em que medida é bilíngüe. Os fatores determinantes para a descrição do bilingüismo estariam relacionados ao grau de bilingüismo do falante, à função, à finalidade e ao papel que as línguas desempenham no comportamento do falante, à alternância entre uma língua e outra, e à interferência, separação e direção das línguas.

Considerando-se a questão de formação de identidades étnico-lingüísticas, destaca-se o caráter dinâmico e suscetível da língua com relação às diferentes fases pelas quais o falante passa e ao contexto situacional. Segundo Krug (2004, p. 4), de acordo com o contexto, o mesmo falante bilíngüe pode se identificar mais com uma língua ou com outra, definindo sua identidade étnica e lingüística, que não estará condicionada a uma língua ou a uma cultura, mas ao bi ou multiculturalismo e à possível "bicompetência" lingüística.

O Brasil apresenta situações muito particulares com relação ao bilingüismo, pois, segundo Savedra⁴, somos um país plurilíngüe que tem, em alguns casos de contato lingüístico, nos contextos de imigração e de fronteira, uma atitude monolíngüe. Esta situação está relacionada à carência de ações quanto à particularidade multicultural do país, que

4 SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Pesquisa: mais de 200 idiomas coexistem no Brasil. Disponível em: <http://www.faperj.br/boletim_inter.phtml?obj_id=1997>. Acesso em: 30 abr. 2007.

acaba gerando um silenciamento do bilingüismo, muitas vezes eleito “bode expiatório” do fracasso escolar, levando a um ensino que joga na vala comum monolíngües e bilíngües e ignora qualquer adequação metodológica do ensino às especificidades do aluno falante da língua minoritária (ALTENHOFEN, 2002).

Chamam a atenção algumas atitudes que aludem ao preconceito quanto às línguas minoritárias e aos dialetos e que, valendo-se de um discurso muitas vezes ufanista, desconsidera a história do Brasil, que foi edificada sobre povos, etnias, línguas e culturas diversas e desconhecidas entre si.

As questões concernentes à relação entre língua e identidade, à relevância da língua na determinação das identidades e à relação entre língua e os demais elementos da cultura merecem atenção especial nas descrições de uso das línguas em ambientes bilíngües. Acreditamos que os estudos devem auxiliar não apenas na compreensão dos fenômenos resultantes das línguas em contato, mas no diálogo com o ensino de línguas, o que equivaleria a retirar o ensino do vazio metodológico em que se encontra, considerando as instâncias socioculturais que compreendem o uso da língua na sociedade.

3 A ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO EM FOCO

A perspectiva sob a qual se trata a alternância de código no presente texto tem como pano de fundo as questões relacionadas ao uso das línguas, às situações de interação, ao contexto (monolíngüe ou bilíngüe), ao falante, à comunidade e a identidades lingüísticas. Não pretendemos aprofundar as reflexões; contudo, buscamos preservá-los como índices para os apontamentos teóricos.

Os fenômenos da variação, com destaque para a alternância de código, devem ser descritos a partir da necessidade de se primar por uma descrição rigorosa das condições que governam os fenômenos nos dois sistemas lingüísticos, enfatizando a importância da inclusão dos fatores extralingüísticos como elementos condicionadores. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 100), há conjuntos de

atitudes bem sedimentadas que governam e orientam a “história da língua em comunidades multilíngües”. Temos de considerar, portanto, que a alternância de código está condicionada pelo macrocontexto que se criou na comunidade e entre os indivíduos.

Silva-Corvalán (1989) apresenta fatores responsáveis pela motivação da alternância de código nos processos interacionais, os quais compreendem: (i) as atitudes subjetivas dos falantes bilíngües sobre as duas línguas; (ii) as atitudes subjetivas de toda a comunidade sobre o uso e a manutenção das diferentes línguas; (iii) a relativa especialização das línguas, segundo determinado domínio, o tópico, os participantes, o número de bilíngües em uma comunidade dada; e (iv) as atitudes sobre a cultura das comunidades lingüísticas diferentes. Esses fatores constituem o conjunto de índices que colocam em prontidão os mecanismos “estabelecidos” para a realização do evento comunicativo naquela situação, naquela comunidade e entre aqueles falantes.

Breunig (2005, p. 31) destaca o papel da alternância de código como “recurso para a construção de significado na interação”. No conjunto das ações e relações que se estabelecem entre os membros participantes da interação, pode ocorrer um processo de mudança das qualidades ou das características iniciais ou habituais dos falantes e da “rotina comunicativa”. Nesse processo, que pode ser definido pelo “trabalho lingüístico”, a constituição de significados entra como pauta na continuidade do evento interativo impondo aos participantes a execução de papéis e funções no seu agir lingüístico.

Blom e Gumperz (1998) observam que, mesmo sutil, a alternância que emerge na interação está assentada nas múltiplas interações cotidianas. Os “movimentos interacionais” são eventos nos quais são definidas instâncias de ordem lingüística, interlocutiva e pragmática, cabendo aos agentes envolvidos determinado papel na constituição dos significados pretendidos ou “convencionados” para aquela situação de interação. As alternativas lingüísticas presentes durante a

comunicação simbolizam, assim, as diferentes identidades sociais assumidas pelos membros. Daí a necessidade de identificar o valor social das interações, ou seja, informações contextuais relacionadas aos participantes (falantes, ouvintes, platéia), às condições ecológicas locais, e ao tópico ou gama de tópicos. Sustenta-se, portanto, a existência de uma relação direta entre a língua e as diferentes situações sociais de interação, em que as formas lingüísticas utilizadas apresentam-se como elementos fundamentais na organização e realização do evento comunicativo.

Segundo Breunig (2005, p. 78), a alternância de código pode se constituir como uma pista lingüística, em meio a várias outras pistas, como as contextuais, que, dentro do mesmo cenário, sinalizam a mudança de evento social. A noção de evento social está relacionada a um conjunto de instruções, convencionadas ou não, às quais os participantes da interação têm acesso. Essas instruções ou senhas acabam por monitorar os papéis de cada participante, auxiliando-os no percurso delimitado para a realização daquele evento.

Soma-se às reflexões traçadas até o momento a percepção da alternância de código no interior de movimentos comunicativos concebidos como estruturas gerais em que podem ser manifestados diferentes níveis de organização discursiva. Segundo Cáccamo (2000), um código comunicativo dado mobiliza e organiza séries de indícios de contextualização que podem ser de ordem lingüística ou extralingüística. Nesse contexto, a alternância pode ou não ser significativa quanto às intenções que subjazem ao evento comunicativo. Para o falante bilíngüe, o uso de uma e outra língua está prioritariamente condicionado ao contexto, e este pode ou não ser “orientado” de forma discursiva ou pragmática.

A necessidade de interação entre falantes bilíngües pode produzir constantes alternâncias de códigos que operam simultaneamente em níveis de organização do discurso. Para Krug (2004), a alternância pode se manifestar sob dois contextos: a) restringindo-se a situações familiares e domésticas

e, então, representar questões de prestígio e estigma quanto à língua eleita ou não para a interação; b) apresentando-se indiferente ao contexto e aos participantes, representando maior adesão ao bilingüismo e maior identificação com o grupo étnico.

Segundo Cáccamo (2000), pode-se atribuir relevância a alternâncias específicas quando acontece “uma projeção ou *deslocamento* de significados”, cujo papel é de indexador social das variedades ou língua selecionada. Para o autor, ao tratar do *code-switching* como “indício de contextualização”, Gumperz não se refere apenas à alternância de partes de discurso aparentemente identificáveis como pertencentes a “variedades” distintas, mas à estrutura correspondente “a recursos comunicativos distribuídos socialmente (culturalmente) e, portanto, são métodos produtivos de assinalar identidades”. Trata-se, portanto, de “códigos comunicativos”, pois abarcam em sua estrutura informações relacionadas às intenções comunicativas, aos conjuntos de sinais e às interpretações. Cáccamo destaca que estes sinais têm na língua um recurso para sua expressão no interior do conjunto de elementos (sinais), ativados ou não durante a interação.

Heye e Vandresen (2006, p. 397) fazem alusão ao *locus* do contato lingüístico, que está principalmente no grupo imigrante, cuja língua minoritária (LM) sofre pressões de adaptação ao novo contexto físico e cultural, e cuja língua de adoção, o português (PB), sofre a interferência da LM, conforme previsto por Weinreich.

Se considerarmos, no contexto macro, as instâncias que regem a comunicação como elementos determinantes para a realização do ato comunicativo, veremos que o bilingüismo se manifesta numa situação essencialmente para cumprir um objetivo comunicativo. Acreditamos que não se trata de um trânsito entre as línguas, mas de uma escolha, consciente ou não, entre uma forma e outra, que pode suscitar um conjunto de informações relacionadas às relações sociais mantidas no e pelo grupo.

O uso da língua está relacionado, portanto, à formação de uma identidade étnica e lingüística, e seu caráter dinâmico representa-se num contexto complexo quanto à delimitação de cada uma nos processos de interação e de organização dos grupos sociais.

4 AINDA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As reflexões aqui expostas suscitam questões que não se esgotam neste espaço de discussão e clamam por incursões mais aprofundadas e pelo debate teórico a partir de dados coletados entre falantes bilíngües, de comunidades mono e bilíngües.

Tomamos alguns dos estudos sobre línguas em contato e bilingüismo como tentativa de demonstrar que a compreensão dos mecanismos que regem o uso da língua na interação social e na construção de identidades lingüísticas pode apontar pistas que auxiliam no escrutínio das relações de convívio entre as diferentes culturas, identificando a maneira pela qual se organiza a realidade naquela comunidade.

Em termos comunicativos, quanto à estrutura lingüística e à organização do evento comunicativo, a alternância de código parece constituir-se a partir de instâncias que correspondem a negociações de percepções sobre a situação comunicativa, sobre os participantes e sobre o tópico, para, na seqüência, realizar-se a escolha do código, que acaba por impor uma constante adequação aos princípios que regem aquela situação comunicativa.

Entendendo o ato comunicativo como um movimento constante de ativação e desativação de estruturas presentes em um nível mais imediato, influenciado pelo contexto, e por estruturas presentes em um nível mais profundo, podemos perceber que a cada participação recuperam-se informações que não estão relacionadas apenas à situação comunicativa, aos participantes e ao tema, mas que estabelecem um *link* com aspectos da história e da "cultura" de cada falante. A cada conexão estabelecida no nível imediato, interligam-se informações guardadas num mundo particular que remonta a uma

história e à sua tradição, mas que se encontra subordinado ao complexo jogo das interações sociais e lingüísticas.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilingüismo (alemão-português)*. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura lingüística: Alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolingüística interacional: Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

BREUNIG, Carmem Grellmann. *A alternância de código como pedagogia culturalmente sensível nos eventos de letramento em um contexto bilíngüe*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CÁCCAMO, Celso Alvarez. *Para um modelo do ‘code-switching’ e a alternância de variedades como fenómenos distintos: dados do discurso galego-português/espanhol na Galiza*. 2000. Universidade da Coruña. Coruña (Galicia, Spain). Disponível em: <<http://www.udc.es/dep/lx/cac/artigos/2000eds.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2007.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de Imigrante – RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

HEYE, Jürgen. Línguas em contato: considerações sobre bilingüismo e bilingüidade. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

HEYE, Jürgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO; Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. *Sociolingüística: teoría e análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. Paris: Mouton, 1970.

_____; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006.